



## MEMÓRIA É PERMANÊNCIA: FOTOTAXIA

Adrielle Silva da Silva . FOTOATIVA – SEMEC/PA

**RESUMO:** “Memória é permanência: Fototaxia” busca descrever os encontros necessários a realização da tripla parceria (Universidade Federal do Pará, Associação Fotoativa e Secretaria Municipal de Educação) que desenhou os cinco dias de oficina do *Projeto Fototaxia*. Observamos nesse caso as contribuições dadas pelo Fototaxia a uma educação do presente e do futuro que a partir da formação continuada de professores da rede pública municipal e de estudantes em formação nos ensinam sobre o diálogo necessário não só a educação, mas a todo ser humano. Cercamo-nos para isso da fala de Miguel Chikaoka, um dos principais gestores do projeto, falando de suas experiências e de autores da educação como Paulo Freire, Sérgio Guimarães, Moacir Gadotti e Maria Glória Gohn.

**Palavras-chave:** Educação. Fotografia. Afetividade.

**ABSTRACT:** *"Memória é permanência: Fototaxia" seeks to describe the meetings required the realization of the triple partnership (Federal University of Pará, Fotoativa Association and the Municipal Education) who designed the five-day workshop Project Phototaxis. We note that if the contributions given by Phototaxis to an education of the present and the future from the continuing education of teachers of municipal public and students in training teach us about the dialogue necessary not only to education but to every human being. Surround us for this speech Miguel Chikaoka, a leading project managers, talking about their experiences and authors of education as Paulo Freire, Sérgio Guimarães, Moacir Gadotti and Maria Glória Gohn.*

**Key words:** Education. Photography. Affectivity.

Uma pedra faz uma onda muito maior quando jogada nas proximidades do eixo de força que a impulsiona. Nesse sentido, memória só se cria intensamente de um lugar no qual se está, no qual se vive. Na condição de proximidade vivida junta a Associação Fotoativa e a sua frequente não-memória dos processos vividos, busquei aqui descrever tanta vida permeada por afetos, documentos e depoimentos que cultivam uma memória/história de um projeto específico que tenta ser mais que uma passagem de vista em uma paisagem ou sentimento que se esvai no tempo por não criar raízes, mas sendo margem de rio, sendo a pedra que não chega forte ao fundo e ainda assim rasga e reverbera o líquido de nossas condições. Memória é permanência em um equilíbrio que é dinâmico.

Partindo do pressuposto que a educação não acontece apenas dentro das salas de aulas nem unicamente fora delas, mas acontece exatamente no constante diálogo entre esses espaços, verificamos que em 2012 inicia-se um projeto que entende e faz exatamente esse percurso entre aprendizagens práticas, teóricas e afetivas de três instituições que atuam na cidade de Belém. Por um lado está a Secretaria Municipal de Educação de Belém, pelo meio está o Instituto Arte na Escola e do outro lado a Associação Fotoativa. A primeira ao longo dos anos vem reconhecendo e construindo políticas públicas que lidem com uma realidade em que o governo não é o único responsável pela continuidade de formação de seus professores, portanto, busca, parcerias com outras instituições para fazer o que é seu dever, oferecer a constante continuidade de formação. No caso dessa pesquisa, observamos a articulação realizada pelo Instituto Arte na Escola com a Associação Fotoativa e o mesmo Instituto com a Secretaria Municipal de Educação visando o “Projeto Fototaxia” que pretende a formação continuada de professores. Portanto, temos nesse momento duas esferas diferentes da educação que se encontram pelas características naturais de atuação. O Instituto Arte na Escola acaba cumprindo um papel duplo, pois mesmo sendo um Instituto de educação não-formal, quando em seu pólo Belém é localizado e abraçado pela Universidade Federal do Pará como um programa de extensão também ganha um caráter de educação formal. sendo que mesmo em uma dessas esferas encontramos o diálogo entre uma formal (UFPA/Instituto Arte na Escola) e outra não-formal (Associação Fotoativa), para oferecer essa continuidade de formação a professores de nível fundamental da rede municipal de ensino. Afirmando, com isso, ainda mais a importância dessas relações estarem presentes para o constante amadurecimento de estruturas tão complexas como uma rede de ensino que integram desde as crianças e suas famílias até os professores e diferentes funcionários das instituições.

O projeto “Fototaxia: em busca do elo perdido” é projetado e proposto pela primeira vez pela Associação Fotoativa e Universidade Federal do Pará para um edital de patrocínio de uma grande empresa de mineração. Ele não foi aprovado, mas as relações estabelecidas nesse primeiro contato apontaram para a potência do projeto e de realização do mesmo a partir das relações entre instituições e sujeitos. O projeto, então, foi reelaborado para pleitear o selo de isenção fiscal de uma determinada lei de incentivo, a fim de posteriormente captar recursos para sua

realização. Nessa segunda tentativa o projeto é aprovado e consegue o selo, mas não consegue o(s) patrocínio(s). Nova derrocada de procedimentos técnicos/administrativos de produção, mas nova chamada ao melhor cuidado com as etapas de [pré]paração.

O projeto que a princípio parte da ideia que o ensino da arte na escola deve propiciar a vivência das linguagens específicas e expressivas da arte, desde o envolvimento com o fazer artístico e a criação de formas de expressão advindas de experiências tanto emocionais quanto cognitivas, a posteriori acaba diversas vezes ficando apenas no plano das ideias, pois não consegue realizar/estabelecer as relações necessárias a sua execução/funcionamento que nesse caso não dependem unicamente de relações pessoais, mas de relações institucionais que precisam de objetivos, metas e prazos aliados às muitas e boas ideias planejadas no papel.

É dever da escola possibilitar aos educandos diferentes olhares sobre as culturas a partir de vivências eruditas e populares. Com isso, assumir que a luz, como elemento vital e objeto de estudo, propicia leituras e abordagens transversais que potencializam a implementação de práticas pedagógicas transdisciplinares.

Então que tal dizer um pouco sobre o significado de Fototaxia? Segundo a leitura livre de Miguel Chikaoka (2010, 01) de três diferentes dicionários para elaboração escrita do projeto

Fototaxia ou fototropismo é a designação dada ao movimento dos seres vivos, especialmente das plantas, em resposta a estímulos luminosos que poderão ser de frente para a fonte de luz (fototaxia positiva), em sentido oposto a esta (fototaxia negativa) ou perpendicular à direção dos raios luminosos (fototaxia transversal). Por exemplo, a fototaxia nas plantas é tal que o caule apresenta reação positiva, isto é alonga-se em direção à luz, e a raiz reação negativa, conduzindo a um crescimento desta em afastamento da fonte luminosa.

Levando-nos, portanto, a considerar que o projeto que nos propomos a analisar quando se apropria de um termo da biologia para falar de educação considera as relações como estruturas orgânicas e que se nutrem e vivem de diferentes processos ao mesmo tempo.

O “Fototaxia” aconteceu a partir das ações que propiciaram aos sujeitos envolvidos visualizar maiores possibilidades de explorar as potências e possibilidades da luz em sala de aula, tendo a experiência com o processo de

percepção e registro de imagens como meio para descobertas e encantamentos, possibilitando assim, a formação de pessoas mais sensíveis, que percebam o seu meio e que busquem, constantemente, soluções aos problemas do cotidiano com criatividade.

Com a ajuda de Wendeel Picanço Palheta<sup>1</sup> pudemos reconstruir esses cinco dias em discurso e imagens que acompanharam a trajetória dessa etapa do projeto. Descrevendo o passo-a-passo da vivência ocorrida durante os cinco dias em que ocorreu a primeira etapa do projeto que por impasses burocráticos está em uma pausa por tempo indeterminado.

### **1.1 Das referências às apresentações**

O projeto começou em uma segunda feira (05.mar.2012), no Fórum Landi em dois horários distintos (manhã e tarde) devido ao grande número de professores que tiveram que ser divididos em duas turmas. A turma da manhã se encontrava de 8h às 12h e a turma da tarde de 14h às 18h. Como dito anteriormente o projeto foi pensado de maneira interdisciplinar, mas com a parceria estabelecida entre as três instituições houve a necessidade de adequação desse público alvo que passou a ser de professores de artes em suas diferentes linguagens, nesse caso artes visuais, música, teatro e dança.

Miguel Chikaoka inicia seu trabalho solicitando a formação de um círculo e dando o start de um bate-papo informal em que, inicialmente, fala sobre si e o projeto, e na sequência solicita que cada participante escolha um objeto pessoal que esteja consigo e o apresente a todos, o qual pudesse falar de si e das suas expectativas para a formação que estava começando.

Cada participante nesse momento tinha que se apresentar junto com seu objeto. Um primeiro desafio lançado à reflexão da identidade, das características, dos sonhos que cada um carrega consigo, diariamente, transcrito em objetos de bem querença. Cada um foi se apresentando, falando um pouco sobre si, onde trabalhava, quais as dificuldades e vantagens que enfrentavam em seu dia a dia de trabalho. Cada um tendo espaço e liberdade para se apresentar de forma diferente. Incluindo nesse processo toda a equipe envolvida, de coordenadores a bolsistas que exercitavam ali seu lugar no coletivo.

## **1.2 Sobre mãos e dobraduras para construir imagens**

Terminada a apresentação, o grupo foi orientado a uma nova atividade que consistia na montagem da câmera obscura de modo silencioso. O grupo é então provocado ao entendimento pelo olhar, pela visão. O próprio Chikaoka descreve que esse método ele desenvolveu a partir do trabalho com deficientes auditivos e que passou a ter resultados de compreensão e reflexão bem mais significativos nessa etapa da construção de um objeto ótico.

Quando teve fim a construção da câmera obscura, passou-se a experimentá-la. Começou a (re)descoberta das imagens que, cotidianamente, nos cercam. Começou o encantamento pela formação da imagem em um objeto tão simples e feito pelas próprias mãos. Primeiro experimenta-se a mágica feita por apenas um furo no papel alumínio, depois começa o jogo de imagens e sensações provocados pela infinidade de furos que nos apresentam as sombras e o quase caleidoscópio de imagens. Termina o primeiro dia de atividades.

## **1.3 Da natureza da luz**

O segundo dia começa igualmente no Fórum Landi, às 8h da manhã para a primeira turma e às 14h para a segunda, com uma hora de aula teórica ministrada por Chikaoka chamando atenção para os aspectos físicos da luz e da formação da imagem experimentada no dia anterior. Falando um pouco das suas descobertas vivenciais ainda criança olhando a sombra das árvores e o poder do mapa mental<sup>2</sup> para organizar esse discurso em qualquer área de conhecimento. Construindo a partir daí um caminho orgânico para a luz que também é fogo e elemento vital ao ser humano.

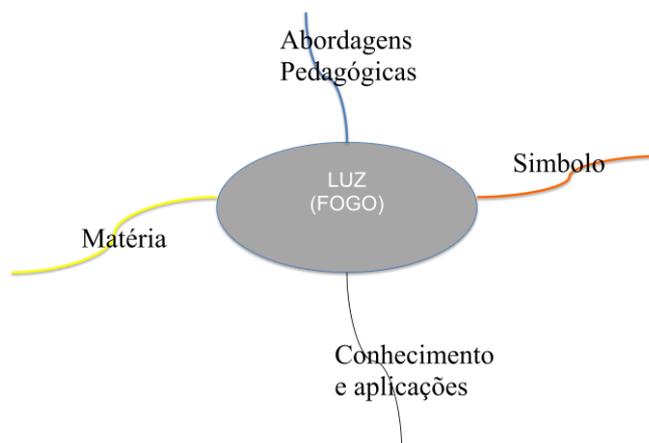


Figura 01: Mapa mental da luz usado no projeto Fototaxia, 2012 – Foto: © Núcleo de Formação e Experimentação da Associação Fotoativa.

Dando seguimento, a câmera obscura como um objeto ótico de múltiplas formas de construção, ainda seria experimentada de outras maneiras com os grupos, e a segunda grande experiência aconteceu logo após a parte teórica, de provocação à reflexão, dentro de uma sala inteira que foi transformada em câmera obscura. A formação da imagem quase palpável a todo o grupo pode ser compreendida de forma mais clara nessa sala em que se pode explicar e trocar as compreensões dessa imagem se formando invertida, das diferenças obtidas com o aumento do furo ou da possibilidade de múltiplos furos ao mesmo tempo.

#### **1.4 “Mãos para...” ou Do que somos e carregamos com o outro**

Como o curso o tempo todo é transpassado por jogos que buscam uma compreensão da parte simbólica, matéria, das aplicações e conhecimentos envolvidos no conceito de luz, e principalmente, nesse caso das abordagens pedagógicas possíveis, não seria surpresa esperar um dos jogos que mais me chamam a atenção por mesclar os significados do que somos e carregamos com o outro. É a relação entre os sujeitos que consegue decifrar alguns códigos provocados pela luz, mas feito por nós e para nós. Trata-se de um jogo que começa com um simples comando de em grupos fazer uma listagem de ações e sentimentos que podem ser feitos ou transmitidos pelas mãos. Um jogo que inicia com a provocação da frase inacabada “Mãos para...”. Surgem a partir daí palavras como: desenhar, pintar, fotografar, acariciar, fechar, amar, ignorar, sujar, encontrar etc. Um universo de possibilidades é apresentado por todos e para todos em palavras que

dizem e fazem um pouco do que cada um é. A imensidão do que uma única palavra pode nos envolver nesse momento é colocada tanto em uma perspectiva da transdisciplinaridade de tudo que nos envolve quanto dos simbolismos contidos nela para sempre que se pensar em explorá-la, usá-la com muito cuidado e atenção.

Nesse momento, depois de novas trocas e reflexões, a atividade segue com o comando de que cada sujeito escolha uma das palavras (re)descobertas no brainstorm anterior e escreva a palavra escolhida em um pequeno crachá. Feito isso, são todos convidados a formar uma nova roda e em novo silêncio se possa escolher e trocar o crachá com outro sujeito (um de cada vez) colocando a palavra visível nas costas do sujeito escolhido.

Todos são provocados a descobrir o que lhe foi dado pelo e através do outro. O outro e nós mesmos somos convidados à interação mediada por dicas dadas pelos outros, mas mediante uma pergunta nossa. Somos nós a fazer as ligações necessárias à descoberta do que é nosso através do outro, pois também pertence a ele. Poesia e brincadeira se unem pela minha relação com os outros, dizendo o que eu sou e o quanto de mim também é dos outros.

Algumas das primeiras perguntas são: “eu faço muito isso?” ou “eu faço isso com frequência?” ou “lá eu encontro frutas?”. São perguntas que geralmente levam ao sim ou ao não, mas multiplicam e/ou subtraem a verdadeira resposta e ao mesmo tempo somam e/ou dividem as relações com os outros.

## **2.5 Sobre o que é oferecido no caminho da luz**

Depois de cada um ter se descoberto um pouco a partir do outro, Chikaoka orientou o grupo a uma outra atividade que mesclava reflexão e sensibilização visual. Tratava-se da montagem de um objeto que fazia analogia ao olho, logo, cada participante precisava colocar esse olho a partir das coisas que se acreditava que era ou que se projetava ser seu próprio olho. Cada um era orientado a fazer um olho com uma coisa que representasse a si e a câmera. Alguns usaram recorte e colagem, outros desenho, outros ainda, pintura para fazer surgir esse olho de um simples recorte quadrado de cartolina com um furo no meio.

O uso de materiais reciclados e/ou bem utilizados são um aspecto importante do trabalho que a Associação Fotoativa desenvolve. Cada material também é apresentado a partir da sua origem e se pensando qual seria o seu último destino.

Enquanto cada olho secava ou se fixava no papel, outra atividade foi proposta para se continuar pensando nos caminhos percorridos pela luz. Em uma formação circular o grupo começava ouvindo as orientações de Chikaoka, que pedia para que cada participante resgatasse em sua memória uma palavra do que era possível fazer com as mãos, estando com a escolha feita, um a um dos participante teriam que oferecer a outro a palavra escolhida. Mas para isso ainda havia a necessidade de desenhar esse caminho através de um simples fio de barbante fazendo com que simbolicamente o fio fosse o fazer oferecido ao outro. Pouco a pouco a imagem da teia e/ou rede vai se formando pelos variados oferecimentos feitos de um possível caminho do ser e/ou da luz. Todos vão visualizando a partir de uma dinâmica o quanto todos os conhecimentos se cruzam tornando-se um só corpo com vários pontos e linhas diferentes. Temos novamente o exercício da transdisciplinaridade como meio a ser desenvolvido e usado por todos, inclusive e, especialmente, em um projeto como esse que necessita do diálogo equilibrado entre as três instituições para se realizar. O exercício da cidadania, a partir de uma vivência, que se assemelha a um jogo, a uma brincadeira, mas se revela muito mais elaborado sem ser complicado.

Cada participante além de oferecer e receber um fazer, passa também a ser um ponto que equilibra a rede. Todo movimento é sentido por todos. Um fio solto, um ponto mais alto ou mais baixo que outro transforma a rede/teia em um novo movimento. Nessa hora é necessário pensar constantemente em si e no outro, nos limites entre esses seres e seus espaços de ação. A rede/teia formada precisa se reinventar e se desfazer para não ficar estática. Novamente os participantes são convidados ao encontro entre si, mas dessa vez um a um encontra novo desafio e nova aprendizagem no caminho que é de se locomover dentro da rede/teia sem destruí-la, sem largar seu ponto oferecido. Todos precisam achar seu oposto complementar e descobrir para isso os caminhos no emaranhado de fios, passando ora por cima, ora por baixo, mas passar, se transformar, transformar a rede e quiçá os outros. Os fios rearrumados pelos reencontros transformam-se em uma grande esfera com as ações de cada um.

## 1.6 Quem olha e quem é olhado

Ainda no segundo dia os olhos que descansavam tranquilos depois de terem sido concebidos voltariam à cena em outra atividade.

São todos divididos em pequenos grupos de três participantes. Cada um assume um papel diferente. O olho fica ao meio, tendo de um lado quem olha e de outro quem é olhado. A ligação entre as extremidades é feita por um novo fio de barbante que não pode se dobrar no centro do olho, mas ainda assim precisa encontrar os ângulos certos de enxergar o outro lado. Uma quase brincadeira de esconde-esconde, mas que tenta explicar um pouco da natureza da luz, como ela se comporta nos aparelhos óticos e qual o diferencial para o encontro com nosso próprio corpo. Com essa atividade o segundo dia é encerrado deixando um gosto de continuidade pela experimentação individual e coletiva.

## 1.7 A fotografia se revela

O terceiro dia começa com a construção das mini câmeras pinholes. Cada participante pode colar seu papel laminado e fazer a marcação para o furo de espinho, montar e personalizar a parte de papel cartão das câmeras proporcionando uma identidade a essas que seriam suas companheiras.

Enquanto cada câmera seca, todos escutam com atenção as orientações de Miguel Chikaoka sobre os procedimentos técnicos dentro do laboratório e o desafio do primeiro exercício fotográfico. Desafio duplo, pois cada participante precisa controlar sua ansiedade pelo momento “mágico” da fotografia sendo revelada e estar atento na hora da “captura” da imagem pensando na relação da intensidade de luz com o tempo de exposição necessário. Todos são orientados a fotografar o mesmo lugar três vezes, sendo que a segunda fotografia precisa ter seu tempo dobrado e o mesmo procedimento com a terceira em relação a segunda.

Saber/aprender a organizar as informações de cada imagem também faz parte do processo. Entender que há a necessidade de anotar o tempo, a condição da luz e o lugar ou sentimento que se tentou captar são necessários ao trato com a imagem de qualquer natureza. O bom uso de nossos recursos também são importantes no trato com a fotografia. Ser econômicos nesse tempo de excessos de

imagens e ações, pensar a composição da imagem que se quer antes de captá-la, cuidar para que sendo muitas ou poucas imagens possamos identificá-las para não correr os riscos de perder essa memória/história.

O primeiro exercício de tentar ver/perceber a relação entre o tempo de exposição e a intensidade da luz para cada câmera, usando tempos que foram dobrados duas vezes para produzir três imagens diferentes, até se achar o tempo de cada câmera, para cada furo, tempo e tipo de luz é cansativo, mas necessário. Muitas frustrações podem surgir no caminho, pois sair do laboratório com sua fotografia quase toda branca ou quase toda negra, há a necessidade de imediatamente explicar esse processo de descoberta. Não se trata de um aparelho que pensa por si só, mas que é operado por um sujeito com toda a carga de sentimentos que controlam ou descontrolam esse processo. O “erro” nessa hora também é aprendizagem. Antes de tentar dizer algo com a imagem, é necessário aprender a usar esse dispositivo de captura, aprendendo com isso a usar os diferentes códigos da própria imagem. Tudo gerado a partir da experimentação desses três tempos em apenas uma paisagem de preferência no mesmo tipo de luz ou com as devidas anotações das mudanças dela.

Algumas horas depois do início dessas experimentações com a luz e com o tempo, o grupo foi reorientado à criação de pequenos núcleos que teriam a missão de primeiro escolher e depois trabalhar a partir de um tema extraído do espaço físico e/ou simbólico disposto ao redor, nesse caso o Fórum Landi, a Praça do Carmo, a Cidade Velha, os portos etc. Esse exercício propunha-se a conseguir olhares diferentes da mesma situação escolhida coletivamente. Nesse momento a preocupação com o tempo devia ser secundária, ou melhor, automatizada, uma vez que cada sujeito já havia experimentado e comprovado o tempo da sua câmera. O dia termina com cada grupo fazendo a avaliação dessa multiplicidade de olhares a partir de uma mesma provocação, da possibilidade real de trabalhar diferentes disciplinas em torno de um mesmo tema, pois todo tema leva ao conhecimento seja ele específico ou universal.

## **1.8 O outro lugar**

O quarto dia começa com uma mudança física prevista, causada pela agenda do lugar que estava abrigando o projeto. Todos são levados ao Centro de Memória da Amazônia, que era a antiga gráfica da Universidade Federal do Pará, que com o descarte iminente do “Arquivo Inativo” com documentos de origem civil e criminal do Tribunal de Justiça do Estado do Pará dos períodos de 1785 a 1970 por falta de espaço a Universidade Federal do Pará sente-se responsável e cria esse projeto de extensão visando a preservação importante dessa memória do estado.

Miguel Chikaoka oferece como mensagem de boas vindas e convite à continuidade, uma série de relatos enriquecidos por imagens projetadas de projetos anteriores. Seu foco eram os projetos desenvolvidos em parceria com instituições formais de educação. Relatou algumas das experiências vividas durante o “Olhos d’água”, o “Ver-o-peso no furo da agulha” e o “Click nas ilhas” que direta ou indiretamente foram projetos que deram todo o suporte e experiência para a elaboração e execução do “Fototaxia” na sua primeira tentativa. Mais tarde, ele voltaria a esses projetos, mas escolhendo uma “pausa” da mente e um “start” do corpo Chikaoka retoma aquele olho construído, no segundo dia, para dele fazer uso em uma nova experiência.

Uma lente surge como novo elemento. Essa lente é fixada e posta no lugar do alumínio furado da câmera obscura. Uma nova experimentação e novas sensações com a formação da imagem.

Uma lente que converge os raios de luz em uma imagem projetada no fundo translúcido da caixa, uma extensão do olho, uma caixa de (re)ver imagens que estão sempre no mesmo lugar, mas que dependem de nós para existir ou o inverso.

Vivemos em um mundo que se fragmenta, mas ao mesmo espaço e tempo criamos mecanismos, lentes que permitem perceber a totalidade desses fragmentos. Essa lente da câmera obscura é apenas uma materialidade dessa metáfora de vida, mundo e conhecimento. No processo de construção do conhecimento humano, nos é dada a permissão de muitos pontos de vista (fragmentos) mesmo estando em apenas um lugar de cada vez.

## **2.9 Sentir é a palavra de ordem**

Nesse momento todos são convidados à experiência de pintar com a luz sem o uso da câmera. No novo espaço, todos são chamados a formarem duplas que com o desafio de enxergarem sem olhos – usando apenas o tato, o olfato, o paladar e a audição – precisam perceber sementes para poder projetar mais tarde suas árvores, suas mães, suas raízes. Enxergar com os dedos, nessa hora, não se faz um exercício apenas de inclusão, mas de abertura de poros pouco usados por nós. Enxergar pelo cheiro pode nos transportar a lembranças de infância ou do dia a dia, mesmo que conscientemente, muitas vezes, não exercitemos essa forma de memória. Enxergar pelo gosto nos lança, incondicionalmente, ao encontro com nosso próprio corpo, com nosso interior carnal e pulsante. Enxergar com os ouvidos nos lança ao poder das coisas fluidas, desde a leveza do som macio da água calma até o pesado estalido provocado pelos veículos no incessante movimento.

Sentir é a palavra de ordem. Sentir com o outro é a condição fundamental. O retorno da visão pelo olho é necessário, mas já ligado ao desafio de com um pincel molhado no revelador, desenhar o que cada um imaginava ser a árvore da semente que lhe foi entregue quando a visão se fazia apenas pelos outros sentidos. Nessa hora não é o desenho técnico que se avalia, mas a capacidade de desprendimento do referente, sem ao mesmo tempo perdê-lo de vista. Sementes são árvores em potencial, mas são unicamente sementes se não forem plantadas. A imaginação é livre em potencial, mas é unicamente imaginação limitada se não for experimentada e quiçá materializada quando igualmente plantada. A negativa aqui é inviável, todos são jogados à descoberta desse novo elemento simbólico através de um conjunto de materiais também “desconhecidos”. Um pedaço de papel fotográfico “queimado”, um pincel, um recipiente com químico revelador e a imaginação de cada sujeito dirigida a uma árvore.

A linguagem do desenho aqui se faz tanto poética quanto política. Um desenho feito materialmente de um papel impregnado de luz, mas revelado nas partes que cabem a cada um mostrar pelo traço feito através do pincel e do movimento das mãos de cada sujeito. As direções são propostas por cada sujeito, mesmo estando todo caminho iluminado. As permissões são dadas a todos os lugares, mas nosso caminhar só nos permite um deles de cada vez.

Percorrendo esses múltiplos caminhos da luz, o quarto dia tem fim. O pincel de luz (ou tecnicamente quimiograma) é apresentado ao grupo como uma ferramenta que também é feita de restos, pois o que antes era lixo (o papel fotográfico queimado) agora é um novo dispositivo a ser usado e transformado em linguagem.

### **1.10 Das projeções possíveis**

O quinto dia chega com o duplo sentimento de fim e continuidade. Miguel Chikaoka começa dizendo desse ciclo que está em um fim, mas que se pretende novo começo a partir da ação de cada sujeito em resposta às provocações a serem lançadas nesse dia.

A conversa aberta no quinto dia era direcionada às possibilidades de transformar essas experiências vividas nos dias anteriores em ações dentro das escolas em que cada professor ali presente atuava. Para transformar essa experiência em ações viáveis a professores e estudantes de séries iniciais era necessário primeiro conhecer a realidade de cada um nesse espaço da escola. Cada professor nesse momento começa a descrever seus ambientes de trabalho, suas percepções sobre seus estudantes, suas dificuldades e facilidades de articulação dessas relações entre recursos materiais e humanos, entre poderes e afetos, entre sonho e realidade.

Depois dessa gratificante troca de experiências, o grupo é convidado a novamente dividir-se em pequenos núcleos para desenvolver um breve projeto de ação. Eles foram convidados a estruturar um pensamento em forma de projeto. Definindo o lugar, o público alvo, os recursos materiais e humanos necessários, os objetivos, a forma de avaliação, os pontos transversais, as metodologias, as justificativas para que cada um realmente viesse a ser executado. Cumprida essa tarefa, os grupos precisavam apresentar seu projeto aos outros e ouvir as sugestões e/ou apontamentos possíveis de serem trocados. Ouvir o outro, sua leitura, sua percepção para melhorar o projeto. Um trabalho em grupo, para o grupo.

É partir desse momento que a continuidade do Fototaxia é lançada. Todos os professores são convidados a desenvolver seus próprios projetos, a desenhar suas metas na própria rede de atuação, mas tudo como “dever de casa”. Cada

professor se compromete com uma data de retorno do projeto a ser avaliado e verificado a viabilidade de acompanhamento da equipe de trabalho do Fototaxia. O dia, então, chega ao fim e o projeto a um recomeço possível.

Educação é um direito de todo sujeito garantido em lei e convencionado pela Organização das Nações Unidas (ONU). No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) condiciona a responsabilidade do cumprimento desse direito à família, à comunidade em geral e ao poder público. Dentro desse contexto é necessário frisar que a educação deve acontecer ao longo de toda a vida na constante relação entre essas esferas sociais e as instituições que a representam. Trazendo à tona, portanto, a devida importância aos percursos necessários e ocorridos entre a educação formal e a não-formal aliadas à qualidade de vida.

[...] a educação não-formal é fundamental, para a formação para a cidadania, para o exercício da civilidade no convívio com o outro e na utilização de padrões éticos, para o reconhecimento e aceitação da diversidade cultural e suas diferenças, para a prática da não violência em todas as esferas da vida etc. (GOHN, 2011, 11)

A continuidade da educação é tão necessária quanto possível de ser realizada em projetos que aliam as instituições de educação formal e as instituições de educação não-formal, mas ainda estamos aprendendo a lidar com esse fluxo de necessidades e de possibilidades da educação de modo a transformar isso em projetos executáveis que fazem parte de uma política pública.

Dentro desse campo maior que é a educação encontramos a educação visual que é igualmente transdisciplinar e potencializadora de percepções criativas tanto para solução de problemas quanto para situação/atuação em meio ao espaço que se ocupa. Levemos aqui em consideração que nossa sociedade é majoritariamente visual, portando que precisamos assumir os seus códigos e aprender a lê-los. Entendendo ainda que quem direciona essa aprendizagem precisa fazê-lo sem manipulá-lo como defende Paulo Freire e Sérgio Guimarães (1987, 26) sobre o projeto Angicos<sup>3</sup>

[...] dizem que o esforço da leitura da realidade através da codificação, e, portanto, da descodificação das codificações que representavam um pedaço da realidade, era uma leitura manipuladoramente dirigida. Ora, Dirigida sim, pois não há educação sem intencionalidade, sem diretividade. Manipuladora nunca. [...] mas defender uma posição com que se sonha, antes mesmo de chegar ao educando, é absolutamente legítimo.

Somos sujeitos condicionados, mas não determinados diz Paulo Freire (1996, 19), portanto a História é tempo de possibilidade e não de determinismo. Se as possibilidades na vida são um caminho, na educação elas são múltiplas e quase um norte para toda atividade. Logo, provocados pela experimentação em fotografia todos os sujeitos envolvidos se vêem desafiados a olhar de maneira diferente tanto o meio em que vivem quanto a riqueza de possibilidades que o trato com a imagem pode gerar para a compreensão do mundo e das relações implicadas nele.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> 27 anos, é estudante de artes visuais da UFPA, era bolsista do Programa Arte na Escola na época de execução do FOTOTAXIA. Em entrevista cedida para o trabalho.

<sup>2</sup> Uma ferramenta metodológica que ganha força no século XXI.

<sup>3</sup> Ver capítulo 8 da parte I do livro *Aprendendo com a própria história* em que Freire e Guimarães conversam sobre as críticas que surgiram ao projeto Angicos e as situações políticas que transformaram o projeto em uma experiência breve, mas marcante.

## REFERÊNCIAS

CHIKAOKA, Miguel. **Entrevista** concedida à Adriele Silva da Silva em 07 de fevereiro de 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo e **GUIMARÃENS**, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOHN, Maria Glória. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

### **Adriele Silva da Silva**

É graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará. Atua como professora da Secretaria Municipal de Educação de Belém na região das ilhas. É a atual coordenadora do Núcleo de Formação e Experimentação da Associação Fotoativa. Integra a Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil e trabalha como produtora executiva da Kamara Kó Galeria.